

Porém, Eustace estava a chorar muito mais do que qualquer rapaz da sua idade tem o direito de chorar quando não lhe aconteceu nada pior do que apanhar uma molha e não fazia senão berrar:

— Deixem-me ir. Deixem-me voltar. Não gosto disto.

— Deixar-te ir? Mas para onde? — perguntou Caspian.

Eustace correu para a amurada, pois esperava ver a moldura do quadro a erguer-se à tona de água e talvez até vislumbrar o quarto de Lucy. Mas o que viu foram ondas azuis salpicadas de espuma branca e um céu de um azul mais pálido, ambos a estenderem-se até ao horizonte. Talvez não possamos levar-lhe a mal por ter desanimado.

— Eh! Rynelf! — gritou Caspian a um dos marinheiros.

— Traz vinho aromático para Suas Majestades. Vão precisar de qualquer coisa para vos aquecer depois do mergulho que deram.

Tratava Edmund e Lucy por Suas Majestades, pois muito tempo antes tinham sido Reis de Nárnia, tal como os seus irmãos Peter e Susan. O tempo narniano é diferente do nosso. Ainda que se passassem cem anos em Nárnia, voltar-se-ia ao nosso mundo à mesma hora do mesmo dia em que se tivesse partido. E, se se voltasse a Nárnia depois de passar uma semana aqui, poderia descobrir-se que ali tinham decorrido mil anos,



ou apenas um dia, ou até tempo nenhum. Nunca se sabia até lá chegar. Por conseguinte, quando os Pevensies visitaram Nárnia pela segunda vez, era como se (para os Narnianos) o Rei Artur tivesse voltado à Grã-Bretanha, como há quem diga que ainda há-de acontecer. E, em minha opinião, quanto mais cedo, melhor.

Rynelf voltou com o vinho aromático a fumar num jarro e quatro taças de prata. Era mesmo o que vinha a calhar e, enquanto o bebiam aos golinhos, Edmund e Lucy sentiam o calor chegar-lhe às pontas dos pés. Mas Eustace fez caretas, cuspinhou, tornou a vomitar e recomeçou a chorar, perguntando se não tinham umas pastilhas efervescentes vitaminadas que pudesse tomar com água destilada e insistindo em que o deixassem em terra na paragem seguinte.

— Que belo companheiro de bordo nos trouxeste, Irmão — segredou Caspian a Edmund com uma risadinha.

Mas, antes que pudesse continuar, já Eustace recomeçara a gritar:

—Oh! Ui! Que raio é isto? Levem daqui este horror!

Desta vez tinha uma certa desculpa para se sentir surpreendido. Na verdade, uma coisa muito curiosa saía do camarote para o tombadilho e aproximava-se lentamente deles. Poderia chamar-se-lhe — e era, na realidade — um Rato. Mas era um Rato de pé nas patas traseiras e com meio metro de altura. Tinha uma estreita faixa de ouro a cingir-lhe a cabeça, passando por baixo de uma orelha e por cima da outra, com uma grande pena carmesim espetada. (Como o pêlo do Rato era muito escuro, quase preto, o efeito era surpreendente e espectacular.) Tinha a pata esquerda pousada no punho de uma espada quase tão comprida como a sua cauda. O seu equilíbrio, ao atravessar com ar grave a coberta oscilante, era perfeito e as suas maneiras distintas. Lucy e Edmund reconheceram-no imediatamente — Ripitchip, o mais valente de todos os Animais Falantes de Nárnia, Chefe dos Ratos. Alcançara uma glória sem par na segunda Batalha de Beruna. Como sempre lhe acontecia, Lucy sentiu um desejo louco de pregar em Ripitchip ao colo e de lhe fazer festas. Mas, como muito bem sabia, esse era um prazer que sempre lhe estaria vedado, pois tê-lo-ia ofendido profundamente. Em vez disso, apoiou-se num joelho para falar com ele.